# GEMIDOS DA TRISTEZA

NA

LAMENTAVEL PERDA DE S. A. R.

O SENHOR D. JOSE'

# PRINCIPE DO BRAZIL,

FALECIDO EM 11 DE SETEMBRO DE 1788.

Com incomparavel mágoa do Reino de Portugal,

DEDICADOS

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

DIOGO IGNACIO DE PINA MANIQUE

*Fidalgo da Casa de Sua Magestade, do seu Conselho, e seu Desembargador do Paço, Intendente Geral da Policia da Corte e Reino, Administrador Geral da Alfandega Maior desta Cidade de Lisboa, e Feitor Mór das mais do Reino, &c.*

POR

OSE' DANIEL RODRIGUES COSTA.

*Para teu desengano o mais profundo*
*Repara em mim que sou Mappa do Mundo.*


LISBOA:

a Officina de Simão Thaddeo Ferreira. 1788.

*Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos livros.*

# DEDICATORIA.

## SONETO.

A Vós devò bufcar fábio Intendente,
Pois chorais, como eu choro mal tão forte,
Vendo o fero poder, da dura Morte,
Que deixa Portugal, tão defcontente:

O voffo amor da Pátria me confente,
Que a par de vós lamente a trifte forte,
Que põem em tanto horror a toda a Corte,
Que tudo anda gemendo, amargamente:

De Cipreftes a Lira guarnecida;
Me ajudou a chorar com fingeleza;
Hum Principe, que vive em nós, fem vida;

Nafcem meus verfos, fó da Natureza,
Eu vos dedico Mufa tão fentida,
Que efte he o defafogo da Trifteza.

# GEMIDOS DA TRISTEZA.

## ELEGIA.

I.

EM que parte, infeliz Humanidade,
Te julgas por ſegura?
Porque confias tanto na exiſtencia,
Se tão breve te fez a Providencia?

II.

Quem póde ſuſtentar inteiro ſempre
O circulo da vida!
Quem o golpe final nos embaraça!
Quem ha que tanto poſſa, e tanto faça!

III.

Quantos Heróes a terra tem desfeito!
E quantas formosuras!
Corpos a cinsas frias reduzidos,
Nas trevas do sepulcro submergidos!

IV.

Não bastão para nosso desengano,
As desgraças da vida,
E vejo immensos de valor tão forte,
Que nem os intimída a propria Morte!

V.

Na verdade não sei, em que se fundão,
Herdando os homens todos
Do Pai primeiro a misera fraqueza,
A mesma culpa, a mesma natureza:

VI.

Vemos de sangue frio, mil miserias,
A asquerosa doença,
Os sinos, a mortalha, a sepultura,
Sem mudarmos a vida de figura:

VII.

Não seria estranhada a valentia,
Contra o poder da Morte,
Se a nossa vida fosse regulada
Por aquella, que he hoje tão chorada:

VIII.

A de hum Principe tal, que nós perdemos,
Que em melhor Reino vive,
Hum Principe, que o pobre lamentava,
Que de seu nada tinha, tudo dava:

IX.

Que mandava educar, com puro zelo,
Immensos innocentes;
Que sabía, em que lances lhe era dado
Repartir com o seu povo o doce agrado:

X.

Toda a gente lastíma, toda chora
Hum tão sensivel golpe,
Já na doença fera o mal temião,
Todos de luto os corações trazião:

XI.

Não ha em Portugal hum só vivente,
Que não sinta o tormento;
Pois quem de fazer bem nunca descança,
Inda morrendo, vive na lembrança:

XII.

Este o Tumulo he mais elevado,
Esta a maior Memoria,
E quem tem huma vida desta sorte,
Tanto o contenta a vida, como a morte.

XIII.

Com razão nossos olhos consternados
Mostrão pezar tão grande,
Na falta de hum Senhor, que fez estudo;
De ser por nosso bem Principe em tudo:

XIV.

Principe, que os acasos indagava,
Com olhos de piedade;
Acudindo veloz, com alma bella,
A' triste Viuva, á misera Donzella:

XV.

Hum Principe, modelo de bons Principes,
Que por valer a todos;
Quando forças bastantes não tivesse,
Pedia á terna Mãi, que lhe valesse:

XVI.

Principe, que adorava a amante Esposa,
Como Deos lhe mandava,
Hum Principe temente á Santa Igreja,
Que isto faz, quem ser bom Christão deseja:

XVII.

Principe, que sentia como proprios
Os vexames alheios,
E se em Principe dava tal seguro,
Que Monarca seria no futuro!

Prin-

XVIII.

Principe, que prezava as bellas letras;
Que os dias empregava,
Ora em acções, nafcidas de ternura,
Ora nos livros da lição mais pura:

XIX.

Não foi a vaftos campos de batalhas;
Não augmentou intreffes;
Não moftrou ira, odio, nem vingança,
Trilhou caminhos de outra fegurança:

XX.

Huma tarde, que atraveffando vinha
Do Lumiar os campos,
Se encaminhava para a Freguezia, (*)
Hum Funeral, que o bom Principe via:

XXI.

Sufpendeo, perguntou, e foube logo,
Que era huma trifte Efpofa,
A quem falfo Marido defprezára,
Que roubando-a, dois filhos lhe deixára:

Man-

(*) Aos 11 de Agofto de 1785. Por hum acafo fuccedeo fua Alteza Real encontrar no fitio affima dito o enterro de huma Comadre fua, e dotado daquella ardente compaixão que fempre fe lhe conheceo, fez aos feus afilhados o que deve fazer todo o Padrinho em femelhante defamparo.

XXII.

Mandou, que os tenros Orfãos sem demora
Lhe fossem conduzidos;
Mandou, que se vestissem, se aprromptassem,
Que as boas providencias não faltassem.

XXIII.

Mandou, que nos Collegios educados,
Fossem por sábios Mestres;
Pois faltavão seus Pais, que he mais que tudo,
Não lhes faltasse Lei, razão, e estudo.

XXIV.

Estas são as acções que immortaes fazem,
Os homens neste Mundo;
Amar a Deos, e á misera pobreza,
E outras virtudes desta natureza:

XXV.

Só para si ninguem no Mundo nasce,
Seja Rei, ou Vassallo;
Todos são homens, todos são terrenos,
E o Ceo recebe grandes, e pequenos:

XXVI.

Mas que posso estranhar, ser tão perfeito,
Este perfeito Principe,
Se huma bondade tal, que a gente preza,
Vem por herança á Crôa Portugueza:

Que

XXVII.

Que eſtimavel Rainha em noſſo amparo
O Ceo nos tem ſuſtido!
Depois de huma tal Mãi, tão terna, e pia,
O Filho ſeu retrato ſer devia:

XXVIII.

Enxugue o pranto a ſua afflicta Eſpoſa,
Reſpeitavel Princeza;
Que he melhor ſer, neſta mundana guerra,
Juſto no Ceo, que Principe na terra:

XXIX.

A noſſa Santa Lei não nos engana,
Dos bons o Ceo he premio,
E quem faz o que o Principe fazia,
Tem na viſta de Deos eterno dia:

XXX.

O Ceo te dê valor, Princeza amavel,
Neſte horroroſo golpe;
Bem conheço, que a perda ſentir deve
A penna que emmudece, e a que eſcreve:

XXXI.

Mas o Rei immortal do Reino eterno,
Aſſim o determina,
E faz que a morte ſeja em toda a idade,
Triſte pensão da triſte humanidade:

O

XXII.

Mandou, que os tenros Orfãos sem demora
Lhe fossem conduzidos;
Mandou, que se vestissem, se aromptassem,
Que as boas providencias não faltassem.

XXIII.

Mandou, que nos Collegios educados,
Fossem por sábios Mestres;
Pois faltavão seus Pais, que he mais que tudo,
Não lhes faltasse Lei, razão, e estudo.

XXIV.

Estas são as acções que immortaes fazem,
Os homens neste Mundo;
Amar a Deos; e á misera pobreza,
E outras virtudes desta natureza:

XXV.

Só para si ninguem no Mundo nasce,
Seja Rei, ou Vassallo;
Todos são homens, todos são terrenos,
E o Ceo recebe grandes, e pequenos:

XXVI.

Mas que posso estranhar, ser tão perfeito,
Este perfeito Principe,
Se huma bondade tal, que a gente preza,
Vem por herança á Grôa Portugueza:

Que

XXVII.

Que eſtimavel Rainha em noſſo amparo
O Ceo nos tem ſuſtido!
Depois de huma tal Mãi, tão terna, e pia,
O Filho ſeu retrato ſer devia:

XXVIII.

Enxugue o pranto a ſua afflicta Eſpoſa,
Reſpeitavel Princeza;
Que he melhor ſer, neſta mundana guerra,
Juſto no Ceo, que Principe na terra:

XXIX.

A noſſa Santa Lei não nos engana,
Dos bons o Ceo he premio,
E quem faz o que o Principe fazia,
Tem na viſta de Deos eterno dia:

XXX.

O Ceo te dê valor, Princeza amavel,
Neſte horroroſo golpe;
Bem conheço, que a perda ſentir deve
A penna que emmudece, e a que eſcreve:

XXXI.

Mas o Rei immortal do Reino eterno,
Aſſim o determina,
E faz que a morte ſeja em toda a idade,
Triſte pensão da triſte humanidade:

XXXII.

O velho inerte, o moço valeroſo,
Tudo deſapparece;
E feliz neſta amarga, e dura pena,
De quem bem repreſenta a ſua ſcena!

XXXIII.

Entre as almas, que boas ſe conſervão,
Não intemida a foice,
Que os que vão, para Deos ſe ſacrificão,
E a Morte he deſengano, dos que ficão:

XXXIV.

Cuide bem cada qual no ſeu eſtado,
Não nos eleve o Mundo,
Não tem almas no Ceo differença alguma,
Na ſepultura a cinza he toda huma:

XXXV.

Alma perfeita, Principe ditoſo,
Em ſanta paz deſcança!
Na preſença de hum Deos, tres vezes Santo,
Roga por todos nós, que pódes tanto:

XXXVI.

E vós, oh Luzitanos deſgoſtoſos!
Vêde, que o Ceo nos guia;
Se em Joſé nos levou, Principe grato,
Em João deixa agora o ſeu retrato:

XXXVII.

O que dá vida, e Leis á Natureza,
A ninguem desampara,
Compassivo nos dá Principe novo,
Somos de Deos seu escolhido Povo:

XXXVIII.

Augusto João a Portugal conforta,
Tambem he pio, e justo;
Quebrante da saudade a valentia,
Triste Mãi, triste Esposa, e triste Tia:

XXXIX.

A sábia Providencia tem mais vistas,
Que a comprehensão humana;
Confiemos em Deos, que nos proteje,
Que como Author de tudo, tudo rege.

## SONETO.

CAminhante, se fores algum dia
Ao lugar, onde os Reis são conservados,
Repara bem nos corpos já mirrados,
A força do poder da Morte impía:

A Coroa, o Sceptro, o Nome, a Valentia;
São pelo desengano sepultados;
Só Monumentos são nunca apagádos,
As acções a que o Ceo dá mais valia.

Não contes c'uma vida mais extensa;
Que se gostoso a vida hoje desfruto;
A' manhã cahe em mim a alta sentença:

Da morte o éco em toda a parte escuto;
Que para quem na Morte sempre pensa,
Hum anno não he mais do que hum minuto

FIM.